

Sobre a entrevista de Paulo Freire e seus bastidores...

A Editoria da Revista Brasileira de Educação de Adultos, especialmente, através da Professora Maria de Fatima Mota Urpia, convidou-me para uma apresentação da entrevista de Paulo Freire, concedida à jornalista Marta Luz, em Juazeiro, do Velho Chico, no dia 24 de abril de 1983. Evidentemente, fiquei muito emocionado com o convite, por vários motivos: faz trinta anos completos que esta entrevista foi ao ar, através da Rádio Juazeiro, e ler a sua transcrição hoje é como se ainda estivesse lá, vivendo tudo de novo, naquela semana memorável, em contato com a mestria de Paulo Freire e de sua esposa Elza Freire. O convite se estendeu ao Joaquim Ribeiro de Araújo, que na época exercia seu trabalho pastoral e político-pedagógico em Campo Alegre de Lourdes, município da Diocese de Juazeiro, resultando nesta apresentação, a qual pretende ser um início de conversa entre nós três, o Mestre Paulo Freire e vocês que nos leem.

Paulo foi explícito quando a entrevista já ia adiantada: “Eu só pediria que guardasses esse papo, porque acho que, no fundo, eu fico contente de saber que eu estou vivo, eu estarei vivo em Juazeiro, mesmo depois de morto, com essa voz que fica aqui”. Na entrevista, Paulo Freire evidencia uma intimidade com a linguagem do rádio, certamente como parte de sua experiência de Educação Popular no Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife. Se o áudio se perdeu, e levou consigo a emoção que impregna a oralidade, pelo menos há uma transcrição feita cuidadosamente por Joaquim Ribeiro de Araújo.

O mestre ainda insistia: “Mas uma coisa que quero te dizer [Marta] é que esse papo contigo foi um dos mais gostosos que eu tive; que me deixa, que me deixou em paz”. Sendo assim, a Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos, ao divulgar a entrevista, 30 anos depois, vai atualizar, não apenas em Juazeiro, mas na Bahia, no Brasil e além dessas fronteiras, uma mensagem combativa que deixou em paz o educador, apesar de sua, em vida, sempre presente impaciência.

Não nos esqueçamos do contexto sócio-político e econômico em Juazeiro, Bahia, e no país daquele período: estávamos no quinto ano de uma das secas mais

severas e devastadoras do século XX. Seca anunciada pelo Centro Técnico Aeroespacial de São José dos Campos, que não foi levada a sério pelo, então, ministro do interior do presidente João Figueiredo, Mario Andreazza. O regime militar vivia seu esgotamento, sendo minado, em grande parte, pelas organizações populares, nas quais as atividades da Igreja na base tiveram grande impacto. Na Diocese de Juazeiro, o trabalho de animação das Comunidades Eclesiais de Base (CEB) abria um confronto explícito e desafiador com os representantes do poder local, o que motivou o bispo dom José Rodrigues a convidar Paulo Freire e sua esposa Elza a ajudarem suas educadoras e educadores durante uma semana de estudos, levando-os a pensar suas práticas e potencializar suas ações.

Passo, então, a palavra ao Joaquim:

Caro Luiz, parabéns a você e à UNEB pela excelente e oportuna iniciativa em divulgarem esta entrevista de Paulo Freire. Ao ler, mais uma vez, esta transcrição, e lembrar aquele período, vejo como tanta coisa mudou. Como diz Saint-Exupéry (ele escreveu mais que o Pequeno Príncipe):

Tudo mudou tão depressa em volta de nós: relações humanas, condições de trabalho, costumes,... Até mesmo a nossa psicologia foi subvertida em suas bases mais íntimas. As noções de separação, ausência, distância, regresso, são realidades diferentes no seio de palavras que permaneceram as mesmas. Para apreender o mundo de hoje usamos uma linguagem que foi feita para um mundo de ontem. E a vida do passado parece corresponder melhor à nossa natureza apenas porque corresponde melhor à nossa linguagem. Cada progresso nos expulsou para um pouco mais longe ainda de hábitos que mal havíamos adquirido; na verdade somos emigrantes que ainda não fundaram a sua pátria ¹.

E vejo também como a mensagem de Paulo Freire permanece atual: que o educador popular precisa dominar a linguagem. A linguagem de hoje, de ontem, do opressor e do oprimido; que os saberes se complementam, que a história não comporta “carbureto.”

Olhando para trás, espanta-me como era tão difícil a comunicação! Um simples folheto para ser multiplicado exigia uma série de etapas e habilidades:

¹ SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **Terra dos Homens**. Trad. de Rubem Braga. 28. ed. 34. impressão. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1997. p. 45-46.

datilografia uniforme, estêncil, corretivos, mimeógrafo, papel sem umidade para impressão,... E depois de pronto, tão poucos conseguiram decifrá-lo.

A linguagem escrita tinha enormes limitações. Então, o trabalho se voltou muito mais para a oralidade, para o contato direto, para a convivência, para a troca de saberes. E, por não obedecerem à transitoriedade efêmera, os contatos se solidificaram. Uma semente de consciência política, de cidadania, de altivez, que dignifica a condição humana, foi lançada e resiste às intempéries naturais da caatinga e da seca. Um mínimo de condição que se lhe dê e ela brota com espantosa vitalidade.

Bem-vindos os novos educadores. E, se me permitem uma sugestão: utilizem de tudo que possa resultar em comunicação e compreensão da linguagem dos destinatários de seu trabalho. Mas reservem um tempo. Convivam com seus “alunos”, alguns dias no ano, lá onde a vida deles se desenrola. Creiam: não tem preço!

Com a palavra, a professora Fátima:

É verdade Joaquim, estar com o outro não tem preço mesmo! Mas veja, neste modo de viver marcado pela desigualdade social e pela pobreza; neste tempo de vida de relações efêmeras, eis que recebo um envelope na forma de carta registrada, vindo lá da Paraíba. Sabia do que se tratava. Era algo muito valioso e que nos fora confiado para que “outras gentes” pudessem ir ter com Freire, nos idos de 1980, nas terras onde corre o Velho Chico, em Juazeiro, na Bahia.

Cinco, seis folhas meio amareladas, com os rasgos das dobras no papel, com as marcas da máquina de escrever; guardadas com todo zelo, pelo Professor Luiz Gonzaga, desde muito tempo! Era a entrevista do Professor Paulo Freire à Jornalista Marta Luz, da Rádio Juazeiro, no dia 24 de abril de 1983, no Programa Juazeiro Panorama, transcrita no Boletim Caminhar Juntos da Diocese de Juazeiro por você, Joaquim, e que fora gravada por Cristina Angelini, naquela época membros da equipe diocesana de pastoral.

Leio e releio cada pergunta, cada resposta; “me meto na conversa deles”... Volto ao brilho nos olhos do Professor Luiz Gonzaga, naquele Encontro Regional de Educação de Jovens e Adultos, em São Luiz do Maranhão, quando partilhávamos

sua experiência no trabalho de formação com o Professor Paulo Freire, naquela região, mais precisamente em Remanso. Naquele momento, ele nos confiava a conversa de Freire com a jornalista Marta Luz; ali, iniciamos o processo para sua publicação na Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos.

A cada trecho lido retomo aquele nosso diálogo, me coloco perguntas, me emociono... Quando recebo outras relíquias, agora por e-mail, também guardadas pelo Professor Luiz Gonzaga: duas fotografias em preto e branco, feitas por você, Joaquim, no Encontro com os animadores das CEB. Também vieram os escritos de Luiz com as recordações daquela experiência de formação - uma semana de estudos com educadoras e educadores sertanejos - também publicada nesta edição da Revista, sob a coordenação de Paulo Freire, em Juazeiro, Bahia, naquele abril de 1983.

Trabalhávamos na segunda edição da Revista. Cuidamos da edição de cada número com todo esmero e precisávamos atender a todas as exigências relativas à publicação da entrevista. Professor Luiz perseguia esse objetivo conosco!

Sabíamos do valor das reflexões de Freire, especialmente quando se trata de formar educadores e educadoras. Luiz a utiliza em um encontro de Formação com trabalhadores rurais e pescadores, o que resultou em sua disponibilização pelo Conselho Pastoral dos Pescadores ligado à Comissão Episcopal para o Serviço da Caridade Solidária, Justiça e Paz da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, ainda sem o cumprimento de todas as exigências para a sua publicação. Agora, é chegada a hora de disponibilizar a entrevista na Revista Brasileira da Educação de Jovens e Adultos, neste terceiro número, em 2014.

Então, que cada leitor da Revista possa partilhar os ensinamentos do Professor Paulo Freire - "... o educador que trabalha em favor da pessoa [...] o educador que fica porque some" - com aqueles que têm compromisso com a existência de uma vida digna para todos! Os agradecimentos da Editoria da Revista ao Professor Luiz Gonzaga, a você Joaquim, a Marta, a Cristina Freire e a Lutgardes Freire, por nos confiarem algo tão valioso para cada um de vocês!

Luiz Gonzaga Gonçalves
Joaquim Ribeiro de Araújo
Maria de Fátima Mota Urpia

Entrevista do professor Paulo Freire à jornalista Marta Luz, da Rádio Juazeiro, no dia 24 de abril de 1983 - Programa “Juazeiro Panorama”²

Marta – Paulo, que é “Método Paulo Freire” de Educação?

Paulo – Marta, eu acho que antes de ensaiar uma resposta, que não é nada fácil, não é fácil assim de ser dada a sua pergunta, que é uma pergunta com a qual, necessariamente, no mundo todo, sempre eu começo uma conversa, eu gostaria de agradecer a você, à rádio que você representa, aos seus companheiros de trabalho nessa rádio, à possibilidade que me dão de, através dela, neste momento, estar entrando nas casas dos ouvintes e levando a eles o meu boa noite e levando a eles também e a elas, quem sabe, algumas interrogações, algumas dúvidas no campo geral da educação, no campo da compreensão do ser humano, etc. Depois deste muito obrigado que eu deixo aqui com muita sinceridade, eu então tentaria responder a sua pergunta primeira. Talvez eu devesse dizer a você que, na verdade, apesar da insistência com que muita gente, há muito tempo, vem falando, no Brasil, de “Método Paulo Freire”, não me agrada muito isso. Mas é uma verdade. Isso é um fato e eu tenho que discutir os fatos. Apesar da insistência com que se fala, às vezes, do chamado “Método Paulo Freire”, eu tenho a impressão, Marta, com talvez um pouco de modéstia agora, que se trata muito mais de certa compreensão geral da educação, de uma maneira de praticar a educação, do que propriamente um método. Evidentemente que, nessa compreensão geral da educação, que tem que ver com uma prática coincidente com essa compreensão geral, há um método. Quer dizer, no

² Uma versão não autorizada desta entrevista encontra-se em PDF na página do Conselho Pastoral dos Pescadores, disponível em <http://www.cppnac.org.br/wp-content/uploads/2012/09/Cepis-site-roteiro-25-Entrevista-in%C3%A9dita-de-Paulo-Freire-%C3%A0-jornalista-Marta-Luz-da-R%C3%A1dio-Juazeiro.pdf>

fundo, o método cabe aí dentro, está aí dentro. Por isso que eu disse que talvez eu fique agora pouco humilde, dizendo que a questão vai mais além do método para alcançar uma própria compreensão da educação. Quer dizer, que diabo é isto de educação para mim? Como é que eu vejo a educação enquanto educador que também é educando, enquanto um professor que também é um aluno? Então, com a tua licença, refazendo a pergunta – apesar de considerar tua pergunta... É por aí que se começa uma conversa, de modo geral, comigo – eu diria agora: claro que há um sem número de aspectos, um sem número de temperos, nessa compreensão da educação que eu venho defendendo e propondo e praticando. Mas eu ficaria com, talvez, o que eu acho que dá. Eu acho que é interessante dizer aos que me ouvem agora. Esse elemento que eu gostaria de sublinhar, de chamar a atenção na compreensão e na prática de educação que eu defendo é o da liberdade do educando. Sabe? É o da liberdade do educador. Quer dizer, é o do respeito, portanto, que o educador deve se impor a si mesmo, o respeito ao educando para que ele também se possa respeitar. É o respeito ao educando no sentido de que o educando se vá construindo como gente, em lugar de se reprimir e ir virando coisa. A educação deveria ser exatamente isto: uma prática, uma experiência de criação e recriação da própria vida. A educação tem muito que ver com a poesia. Por isso mesmo que ela é um pouco arte também, não? É essa constante busca de criar. Agora você vê a responsabilidade que a gente tem enquanto educador. É que a gente está diante de outro ser e a nossa arte de criar e recriar tem que ver com outro ser. Só que eu não tenho direito de recriar a ti, se tu és minha educanda. Esse é o papel que te cabe: o papel de te refazer com a minha ajuda. Mas, ao mesmo tempo em que eu te ajudo, como educador, e tu, como educanda, a que tu te faças e refaças – ao ajudar a que tu te refaças – tu me ajuda a que me refaça também, me refaça eu também. Então, é esse aspecto que eu acho fundamental de como eu entendo a educação. E, às vezes, eu me espanto de como me entendem mal, como me colocam, às vezes, como uma espécie de demônio misterioso! É que eu gostaria de, respondendo a tua primeira pergunta – talvez até que eu tenha me estendido muito – mas era uma maneira de precisar até sinteticamente, dizer a ti como eu me vejo como educador, mais do que como metodólogo.

Marta - De modo geral, a educação, segundo as suas palavras, deprime. O que é que é educação que deprime? Traduza assim concretamente.

Paulo - Concretamente. É claro que não é toda educação a que deprime; não é toda educação a que redime. É preciso ver que educação é. Eu até sempre digo que é preciso que nós, os educadores, sempre nos perguntemos a serviço de quem nós estamos e a serviço de quem nós estamos. Eu, como educador, estou trabalhando a serviço de quem? O que é que eu quero? Qual é o meu sonho? Evidentemente que o meu sonho, que é um sonho de liberdade, que é um sonho de criatividade, um sonho de aventura, um sonho de risco, não pode ser viabilizado, possibilitado, através de uma educação que reprime, uma educação que amesquinha. E que educação é essa? É exatamente a educação que domestica, por exemplo. É a educação através da qual o educador exerce um poder arbitrário de possuir a pessoa do educando, nos seus mais mínimos pormenores. O educando não tem que escolher o livro que deve ler, porque o educador é que sabe. O educando... Em casa, por exemplo, o filho não tem o direito de escolher a melhor hora de estudar (como eu dizia ontem à noite). Veja bem, Marta. Eu não estou propondo que o educador se omita, seja ele pai ou seja ela mãe, desapareça. Entendes? Mas o que não é possível é que a presença do educador, no processo educativo, se agigante de tal maneira, se exacerbe de tal maneira, que a presença do educando, ou melhor, que o educando vire sombra do educador. Então, isso é um absurdo! Se a minha presença, na minha casa, por exemplo, como na universidade diante dos meus alunos,



é uma presença de gigante arbitrário, todo-poderoso, mandão, como a gente tem no mundo tantos exemplos, o que seria da presença dos meus filhos em casa? E o que seria da presença dos estudantes que trabalham comigo na universidade? Essas presenças teriam desaparecido e, em lugar delas, eu teria sombras pequenininhas de mim. Ora, essa seria uma educação deprimente, uma educação diminuidora da pessoa humana. Pelo contrário, o educador que trabalha em favor da pessoa é exatamente o educador que fica porque some. Entende? Eu talvez precise explicar melhor ao ouvinte, em casa, porque é uma coisa meio doida de dizer. Como é que esse cara pode ficar se ele sumiu? O que eu quero dizer com “sumiu” não é sumir fisicamente, ir embora, fechar a porta, desaparecer. Eu, como pai, nunca desertei de minha casa. Mas acontece que só pude permanecer na minha casa porque eu fui capaz de aprender a transformar minha presença, não em uma presença diminuidora da presença dos meus filhos. E é a isso que estou chamando de sumir para poder ficar. Pelo contrário, o pai que insiste em ficar é exatamente o pai que termina desaparecendo. Ele insiste tanto em ficar, ele sublinha, ele exacerba tanto a sua presença que ela termina sendo rejeitada afetiva e moralmente pelo filho ou pelo educando. Eu não sei se te esclareceu. É claro, é que essa temática é muito bonita, não é? Eu acho que tu percebes, imediatamente, porque tu tens – pelo mínimo de tempo que eu tenho conversado contigo de lá para cá de onde eu estou [hospedado]. Parece-me que tu és uma mulher com sensibilidade poética e, portanto, capaz de perceber, e perceber exatamente, o que significa “sair para ficar”. Porque o poeta é exatamente uma presença que não se impõe. A presença do poeta é exatamente uma presença que não... É uma presença que acalenta. É uma presença que desafia e que desvela, mas não molesta e que não se superpõe à presença de quem ama a poesia. Eu acho que tu és muito isso. Então, tu podes entender o discurso de uma pedagogia de liberdade.

Marta – É! Pelo menos, amo e muito. Mas, Paulo, durante esta semana, no seu encontro com a comunidade juazeirense, você enfocou, de maneira muito forte, o tema “autoritarismo” e o fez, diga-se de passagem, de maneira luminosa. Por que esse tema? Qual a razão de sua escolha? O que é que é isso?

Paulo – Exato! Eu acho que essa também está uma pergunta excelente. Sabe? Por que esse tema? Por que, em lugar disso, eu não falei, por exemplo, a minha própria experiência geral da educação? Por que é que não falei, por exemplo, sobre métodos e processos de educação? Por que realmente eu falei sobre isso, sobre educação e autoritarismo, educação e liberdade? E foi de propósito, Marta, porque não há coisa gratuita. Assim a educação, como eu dizia ontem, também não é uma prática neutra de “deixar como está para ver como é que fica”. Eu falei sobre o autoritarismo porque, como brasileiro, a mim me dói profundamente que a gente pouco faça, às vezes, para dar um mínimo de contribuição ao processo histórico brasileiro que independe da minha vida e da tua, enquanto indivíduos, porque a vida do país e a alma dele são maiores do que a nossa vida e a nossa alma. Porque a nossa vida e a nossa alma se constituem, inclusive, na vida do país inteiro, da nossa comunidade brasileira. E eu acho que, às vezes, a gente faz pouco, contribui pouco, para o processo de real participação democrática do povo brasileiro na sua história. É preciso que a gente viva mesmo a democracia. Que a gente acredite nela. Mas, no Brasil – uma coisa incrível! – a gente vê... Eu não sei... Eu não quero nem fazer citações aqui pessoais, por exemplo. Não é por medo. É por uma questão até de método de trabalho, por exemplo. Mas, você repare, Marta, como essa falta de sensibilidade democrática, que é, portanto, autoritária, ocorre entre nós diariamente. Você veja como certos homens públicos, por exemplo, de uma responsabilidade nacional, histórica, indiscutível, você observe que, às vezes, o discurso deles revela uma tal insensibilidade pela liberdade do povo, pelo direito que o povo tem de manifestar-se e de escolher que revela, então, esse discurso uma certa má querença com a liberdade, uma certa indisposição. É como se a liberdade fosse um inseto daninho, que faz mal ao cara, mas o cara fala em nome dela. Entende? Isso é que é um negócio tremendo. Então você vê: eu tenho ouvido tanto e tenho lido tanto declarações de antes e durante, antes do meu exílio e durante o meu exílio. Depois da minha volta, eu tenho ouvido tantos homens de responsabilidades enormes, neste país, fazerem beicinho com raiva de um resultado de eleição. E declarar que, na verdade, o povo não pode eleger seus prefeitos, por exemplo, porque vota mal,

porque vota errado. Mas que autoridade eu tenho para dizer que o povo está votando errado? Quando o povo do Rio de Janeiro elegeu o líder Juruna, houve gente de muita responsabilidade, no Brasil, que disse também que o povo votou mal. “Não soube votar. É um desperdício isso.” Mas que direito eu tenho de dizer que votar no Juruna é um desperdício? No Timóteo é um desperdício? Essa afirmação me parece profundamente elitista, em primeiro lugar. É uma afirmação de gente da elite realmente. E a elite tem uma raiva danada da massa popular. Tem um ódio! E uma coisa que me dá susto é a raiva que a elite tem da massa popular brasileira. Do outro lado, porque é elitista, essa Inteligência do fato é profundamente autoritária. Então, ontem, a minha preocupação, quando eu coloquei, quando eu perguntei sobre o que eu falo em Juazeiro, eu achei que devia falar sobre o autoritarismo. E sem fazer referências pessoais a ninguém. Como você viu ontem, eu não fiz. A não ser eu me referir, genericamente, em tese, ao professor, ao pai, ao político, ao bispo, ao sacerdote. Mas não a este professor, a este pai, a este sacerdote, a este bispo, do político, em geral, etc. Como brasileiro, não é só um direito que eu tenho, mas é um dever que eu tenho. Agora, evidentemente por isso mesmo, que eu não sou autoritário. E eu acho, Marta, que um dos temas, no Brasil, tão importante quanto outros temas, é esse do autoritarismo. Eu acho que tanto quanto a gente possa dizer algo sempre sobre isso, sem raivas, sem ódios, nada disso. Meu problema não é estar aqui zangado com a ou b, é de estar exatamente tentando uma análise objetiva de um fenômeno de que nós todos fazemos parte. Como brasileiro, eu também tive os meus momentos autoritários na minha adolescência, na minha juventude. Eu precisei aprender disso tudo. Eu tive, no fundo, uma opção que confirmei numa prática. E é por isso que, como professor, ainda que eu seja, que eu fosse desafiado pelos estudantes para virar autoritário, eu não aceitaria o desafio.

Marta – Paulo, retomando o primeiro e o segundo degraus de nossa escalada aqui, ou mesmo continuando, após o término desse terceiro, que trata do autoritarismo, eu quero lhe fazer uma pergunta. Uma pergunta sobre um detalhe. Uma indagação. Aqui pelo Nordeste, pelo nosso Nordeste, pelo menos, no meu e no seu Nordeste, existem, aqui e acolá, algumas escolas que costumam adotar o sistema, o método de,

por exemplo, tirar pontos do aluno em uma nota obtida em prova, em trabalhos de pesquisas, em uma média, por conta do comportamento, da disciplina. Eu gostaria de ouvir sua opinião sobre isso. O que é que você acha e por que acha assim?



Paulo – Marta, eu acho um absurdo isso. E vou dizer por que acho. Por exemplo – vamos discutir agora, em termos muito concretos, o exemplo concreto que você colocou muito concretamente. A minha resposta, eu quero que seja concreta também como a sua pergunta. Vamos admitir que eu trabalhe com um grupo de vinte estudantes e então, um dia lá, os estudantes devem, por uma questão do próprio processo acadêmico - estou me referindo ao caso universitário, mas é a mesma coisa – eles devem, então, me apresentar um tema, um texto que eu sugeri que eles escrevessem e me trouxeram. E vamos admitir que, no dia mesmo em que os estudantes me entregaram o texto, um deles, no próprio seminário, foi grosseiro com o seu colega e até mesmo comigo, vamos admitir. Não houve isso. É um caso hipotético. Eu levo os textos dos estudantes para casa, sei quem é. Conheço o trabalho de todo mundo porque tem o nome. E, lá pelas tantas, eu me deparo com o texto do moço que foi grosseirão com o seu companheiro, que foi pouco cortês comigo também e ele apresenta um trabalho excelente. E eu aí digo a mim mesmo: bem, eu vou dar seis a esse rapaz. Ele merecia dez, mas eu vou dar seis porque ele foi grosseiro hoje! Ora, que direito eu teria de fazer isso? O moço escreveu um texto ao qual eu devo dar uma nota. Eu devo julgar o trabalho do moço e não a conduta que ele teve. Esse negócio de julgar a conduta que ele teve lá e atribuir uma nota, diminuir a nota do trabalho científico que realizou é um absurdo. Não tem que ver uma coisa com a outra. Isso é um ato autoritário, arbitrário. O que pode haver é o seguinte: o que eu posso fazer, se houver inclusive necessidade para isso, o que eu

posso fazer é repreender o moço, é chamar a atenção do moço. Agora, diminuir a nota que o trabalho dele merece porque ele foi grosseiro com o colega? Não, não! Se eu acho absurdo isso ao nível da universidade, isso é absurdo ao nível da escola primária também.

Marta – Paulo Freire, exílio! Uma palavra bela, pelo menos do ponto de vista poético. Parece-me que a sua vivência é muito grandiosa. Pelo menos, na literatura, a gente percebe que é grande a riqueza daqueles que a tiveram, em termos de obras, de poemas, de pinturas, de música, não é? O Prêmio Nobel do ano passado que o diga. Fale-nos um pouco sobre isso. Qual a riqueza maior que você traz do exílio.

Paulo – Olhe, eu não seria capaz, talvez, Marta, de dizer qual a riqueza maior, mas eu seria capaz de falar algumas dessas riquezas. E te falar, quem sabe, uma dessas riquezas que o exílio me proporcionou. Sem que eu seja masoquista, sem que eu goste de sofrer, foi exatamente a riqueza de aprender a conviver com a minha saudade e não deixar que a saudade virasse nostalgia. Porque, quando a saudade vira nostalgia, tu te infernas. Então, o que aconteceu comigo é que eu cuidei da minha saudade. Eu tratei bem dela. E como eu tratei bem da minha saudade? Eu tratei bem da minha saudade tratando bem das minhas marcas, das marcas da minha cultura que meu povo me deu. Tratei bem da minha saudade porque eu aprendi a ter, fora e longe do Brasil, diariamente, o Brasil como uma preocupação. E um cuidado enorme! A convivência com a saudade virou uma saudade mansa, bem comportada, educada, uma saudade que não choramingava, uma saudade que dormia direito. Então, essa coisa é uma das riquezas que o exílio me ensinou. A outra, que o exílio também me ensinou, e dela eu falei um pouco ontem, noutra perspectiva, foi realmente a de cultivar uma paciência impaciente. Eu tinha profunda paciência por estar longe do Brasil, mas, ao mesmo tempo em que minha paciência me envolvia e me amaciava a saudade, uma impaciência por voltar alimentava também a saudade. Não sei se está claro isso. De um lado, a paciência me ajudava a ter uma saudade mansa do Brasil. Do outro, a impaciência da volta me ajudava a saudade a continuar a existir e, portanto, a que eu não me esquecesse de mim

mesmo, isto é, do Brasil. Esse foi um segundo imenso ensinamento de riqueza que a gente cultivou no exílio. Mas outra riqueza que o exílio também nos deu a nós, a mim e a minha mulher, a meus filhos, foi, por exemplo, a de que cultura, a cultura não se trata com juízos de valor. Em outras palavras, nós aprendemos, no exílio, que não há nenhuma forma de ser de povo nenhum que seja superior ou inferior a outra. Nós, os brasileiros, somos tão formidáveis e tão deficientes quanto os suíços são eficientes, competentes e maus também. Quer dizer, não há uma forma de cultura que seja melhor que a outra. E toda vez que uma cultura de um grupo social, de um país, se pretenda superior a outra, ela tende a uma postura autoritária e totalitária. Isso nós aprendemos também. Aprendemos, no Chile, a viver diferentemente do Brasil e não superior ou inferiormente. Aprendemos, nos Estados Unidos, quando eu fui professor de universidades norte-americanas e morei lá com meus filhos. Aprendemos a compreender as formas de ser dos Estados Unidos com relação a nós. Não são nem melhores nem piores que nós. Aprendemos, na Europa, vivendo na Suíça, em Genebra, uma cidade linda que parece um cartão postal. Aprendemos a compreender o suíço na sua frieza, na sua distância, mas isso não significando, de jeito nenhum, que pelo fato de ser frio, afetivamente distante, que não é gente. Aprendemos na África, aprendemos na Ásia, o mundo afinal. A andarilhagem a que o exílio me levou me ensinou profundamente a ser de novo. No fundo, eu nunca deixei de ser. E a própria saudade do Brasil, que eu aprendi a amaciar, jamais me fez triste. Eu e minha família jamais fomos infelizes no exílio, até quando nós não admitíamos a hipótese de poder voltar – porque, durante muito tempo do exílio, nós nunca mantivemos, ou nunca tivemos a ilusão da volta. Nós pensávamos que os filhos voltariam, mas nós não. Então, quando deu para voltar, foi uma maravilha. Você não imagina, Marta, no dia que deu para voltar, eu não pude ficar mais de jeito nenhum na Europa! Então, eu tinha... Eu tinha...

Marta – A paciência ficou impaciente demais.

Paulo – Ficou demais. Você disse muito bem. Nesse momento, a impaciência ganhou realmente da paciência, não? E eu peguei o avião e vim embora com a Elza. É Claro,

ficou um filho, ficou uma filha, uma filha que se casou. Ficou um filho que, se estivesse aqui, poderia até dar um presente a ti, ao povo que nos escuta, porque ele é um grande violonista clássico. É professor hoje, na Suíça, com 26 anos. Rapaz excelente. Ele teve que ficar lá. Ele não tem ainda condição de voltar para o Brasil como professor de violão clássico, como concertista. Mas ele vem todo ano ao Brasil. Ele diz: “Papai, eu não aguento!” Então, a brasilidade, em nós, jamais se acabou. No fundo, Marta, a minha recifidade explica a minha pernambucanidade, assim como minha percambucanidade explica a minha brasilidade. A minha brasilidade explica a minha latino-americanidade; a minha latino-americanidade me faz então um homem do mundo. E isso o exílio me ensinou. E tu não imaginas como o exílio me trouxe de novo ao Recife, às raízes do Recife. Capibaribe, Capibaribe... Aquela coisa linda do Bandeira que tu vinhas recitando tão excelentemente, gostosamente no carro.

Marta – Paulo, eu acho que o Brasil tem que estar louvando mil vezes, milhões, bilhões a Deus por sua volta. Mas, conversando de novo, em relação a Juazeiro, eu lhe pergunto: você voltou, seu trabalho refloresceu, refloresce. Aleluia! E a Diocese de Juazeiro está ensejando um trabalho seu com vinte monitores, em uma perspectiva de uma educação libertadora. Você acredita nisso aqui?

Paulo – Acredito, Marta. Onde quer que haja gente, onde quer que haja mulher e homem, eu acredito se possa fazer alguma coisa. Para mim, o importante é fazer realmente. Eu não posso é deixar para amanhã o que devo fazer hoje. E é por isso que, às vezes, eu me canso: porque eu, de modo geral, atendo aos chamados. Não porque eu me ache “bonzinho”. Eu tenho horror a esta palavra. Eu não sou bonzinho de jeito nenhum. Mas é porque eu acho que tenho um compromisso, como todos nós temos. Afinal, existir é comprometer-se. Eu acho, Marta, agora, evidentemente, o que a gente não pode, - e sobre isso eu vou conversar bem, amanhã possivelmente, com D. José - o que a gente não pode é pensar, ou melhor, é animar ou embalar-nos em sonhos muito idealistas, muito que saiam do real. Evidentemente, a nossa vinda agora é muito mais uma vinda exploratória de trabalho. Nós temos passado esses dias todos e eu tenho achado uma coisa fantástica. Eu, para mim, para Elza, como

oportunidade de crescimento, como oportunidade de reconhecer o conhecido. Tem sido uma beleza. Nós passamos de nove da manhã ao meio-dia, de quatorze às dezoito horas, discutindo, debatendo, analisando problema por problema. E os problemas são sempre postos a nós por eles, problemas da prática deles. O cara diz: “Olhe, Paulo, eu trabalho tal... de certa vez, em certo momento, então eu tenho tal problema.” Como confrontar tal problema? Então eu tenho que compreender, teoricamente, o problema concreto que vem da prática. E, ao fazer isso, evidentemente, que a gente vai, de certa forma, capacitando e recapitando os quadros que estão aí. Isso não significa, porém, que amanhã, que depois de amanhã, segunda-feira que vem, que a equipe que está aí possa realizar um esforço de capacitação de outros quadros a um nível que satisfaça à própria equipe. Mas, Marta, só se aprende fazendo. Então, o que eu vou dizer a D. José e a eles também, quando me despedir, é que não tenham medo de começar a fazer. E, no caso deles, aliás, o que já fazem. Eu acho que há trabalhos fantásticos, independentemente de mim. Há trabalhos excelentes que revelam, inclusive, uma ddivosidade enorme por parte da equipe de jovens com quem estou trabalhando.

Marta – Paulo Freire, a gente até se esquece que é jornalista e ficaria o dia inteiro, inteiro, inteiro, ouvindo você. Mas tempo em rádio é muito importante e vou lhe fazer agora apenas uma última pergunta. Entre os seus livros, extraordinários, há um que chama a atenção: *Pedagogia do Oprimido*. Por que essa ênfase assim tão forte no oprimido, no que diz respeito à pedagogia?

Paulo – Exatamente, Marta, pelo seguinte: porque nesse livro que eu escrevi, em 1968... – é bom, na resposta a ti, agora, contar um pouquinho da história desse livro. E, depois, eu não tenho dúvida nenhuma, tu vais pegar esse papo todo que eu estou tendo e tu vais ser obrigada a fazer uma montagem disso, porque talvez tu não disponhas de tempo da própria rádio de meter esse papo tão grande que estou aqui contigo. E eu não fico triste de jeito nenhum. Eu só pediria que guardasses esse papo, porque acho que, no fundo, eu fico contente de saber que eu estou vivo, eu estarei vivo em Juazeiro, mesmo depois de morto, com essa voz que fica aqui. Um pouco

rapidamente da história desse livro: eu escrevi esse livro a partir de minha prática, a partir da minha experiência, no Brasil, já no exílio, no Chile, em 1968. Eu escrevi esse livro em 15 dias. Os três primeiros capítulos do livro, eu escrevi em 15 dias, de noite, e eu trabalhava até às três horas da manhã. E, depois que eu ia dormir, a Elza levantava e lia. Lia o que eu tinha escrito e, às vezes, ela me acordava e dizia rindo: “Paulo, depois desse livro, o novo exílio talvez seja na Lua.” Então eu me ria muito com as advertências dela. Por isso que eu, na dedicatória, eu digo que ela é minha primeira ouvinte – Primeira ouvinte? Estou falando na rádio – é a minha primeira leitora. Eu escrevi esse livro, Marta, e uma das intenções ao escrever esse livro era exatamente mostrar que os oprimidos precisam de uma pedagogia sua, que eu, inclusive, não estou propondo que seja esta que eu escrevi. Escrevi sobre isso. E eu dizia, então, que essa pedagogia, no fundo, tem que ser forjada por ele, oprimido, e não pelo opressor. Olhe, independentemente, Marta, da boa vontade individual do opressor. Independe disso. O opressor não pode fazer a pedagogia do oprimido, como o oprimido não pode fazer a pedagogia do opressor. Pedagogia do opressor quem faz é o opressor mesmo. Como a pedagogia do oprimido tem que ser feita por ele. E tem que ser feita, elaborada, reelaborada na prática da sua libertação. E você me diria: “Mas, Paulo, e qual é o papel teu?” O papel meu, o papel de outro que não sendo opressor, também não é oprimido. Eu aí diria: no ato de forjar essa pedagogia, essa pedagogia é forjada pelo oprimido e por aqueles e aquelas que, na verdade, aderem a ele. Então, por isso é que eu falo, também, na própria “Pedagogia do Oprimido”, nesse livro, usando uma linguagem que é uma linguagem que reflete também a minha marca cristã. No fundo, para que você, não sendo participante originariamente da classe ou do grupo social oprimido, para que você participe dele, adira a ele, em certo sentido, você tem que fazer a verdadeira Páscoa. Quer dizer, você tem que fazer a passagem, você tem que fazer a travessia. E essa travessia implica, em certo sentido, em que tu tens que morrer um pouco, para renascer diferentemente. Essa coisa, na verdade, é “baitamente” difícil. E eu não vim para aqui, feito os fariseus, bater com a mão no peito e dizer: “Eu sou o pedagogo dos oprimidos!” De jeito nenhum. Humildemente eu digo: eu sou um, entre outros

educadores, que se afligem com a situação dos oprimidos. E que tento fazer um mínimo de cumprimento de uma tarefa. Ok?

Marta – Deixe uma mensagem para os educadores de Juazeiro e Petrolina.

Paulo – Muito bem. Eu comecei este papo com a Marta que me agradou muito – Olhe, sem querer te deixar em uma felicidade falsa, porque é coisa que eu não gosto, eu quero te dizer que, afinal de contas, na medida mesmo, por exemplo, que esse livro “Pedagogia do Oprimido” está traduzido em dezessete línguas, no mundo todo, significa que há uma quantidade tão grande da humanidade que me lê. Às vezes, eu fico pensando, viu, Marta? Evidentemente que esse troço não me deixa besta. De jeito nenhum, pelo contrário, aumenta é o sentido da minha responsabilidade. Quer dizer, na medida em que esse livro está em dezessete idiomas, esses dezessete idiomas cobrem o mundo. Então, acontece que faz dez anos ou treze que esse livro se reproduz em dezessete línguas. Então, no mínimo, 800mil, um milhão, um milhão e quinhentas mil pessoas andam lendo isso. E, quando ando e peregrino por esses pedaços de mundo, eu tenho sido muito entrevistado, ora para jornal, ora para rádio e ora para a televisão. Constantemente, sem falar nas entrevistas das universidades que guardam, em seus arquivos, três horas de papo comigo, para arquivo, para estudo, tudo. Mas uma coisa que quero te dizer é que, nesse papo contigo, foi um dos mais gostosos que eu tive; que me deixa, que me deixou em paz. Foi assim uma espécie de repouso para mim. E, então, eu que comecei agradecendo, sinceramente, ao fato de você me trazer e, através da rádio, eu falava com um sem número de gente que eu não conheço e que, possivelmente, eu não vou ver, mas que me ouve, eu agora termino agradecendo pessoalmente o próprio papo que tu me ofereceste. E, ao fazer esse agradecimento, então, montado nesse agradecimento, eu diria aos meus colegas e as minhas colegas professoras e professores, dessa área que a emissora cobre, professoras primárias, professoras leigas, professoras que não passaram pela escola normal – não importa! – minhas colegas e meus colegas educadores; eu deixava aqui a eles todos um grande abraço. Mas um abraço não formal, um abraço de esperança. De esperança em que, apesar de

tudo, e quando nada seja favorável sequer a ter esperança, que a gente e, portanto, que eles também continuem a ter. Então, um abraço para ti também e boa noite!